

Horticultura para todos

Mário Roberto Ferraro

Universidade Estadual de Goiás
Anápolis - Goiás - Brasil
mario.ferraro@ueg.br

Resenha da Obra: RODRIGUES, Ana Duarte. *Horticultura para todos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal; Junta e Freguesia de Alvalade, 2017. 276 p. (il.).

Ana Duarte Rodrigues é pesquisadora do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia (CIUHCT), na Universidade de Lisboa e seu livro *Horticultura para Todos* não deve passar despercebido no Brasil para os interessados em História da botânica, da agronomia e áreas afins. *Horticultura para todos* é um livro singular tanto pelo tema, quanto pela abordagem interdisciplinar. A História da horticultura é um tema pouco pesquisado – “tem permanecido na penumbra” - diz Ana Simões, diretora do CIUHCT, que assina o prefácio (p. 9) - e precisa merecer a atenção de um número maior de pesquisadores. No Brasil há poucos estudos sobre esse tema e o objetivo dessa resenha é divulgar a obra e assim incentivar pesquisadores brasileiros a se debruçarem sobre o tema.

Os estudos de Ana Duarte Rodrigues englobam tanto horticultura *strito senso* quanto a jardinagem, se atendo mais ao segundo. A autora argumenta que no século XIX “existiu o desejo de suscitar o interesse pelos jardins e horticultura para um maior número de pessoas, para além das elites” (p. 15), daí o título instigante *Horticultura para Todos*.

É um trabalho com um enfoque interdisciplinar em: 1) história das ciências, onde se vê o jardim e a horta como espaço institucional ou informal de produção, circulação de conhecimentos científicos e de trocas de experiências, onde, num respeito mútuo, a atividade prática da jardinagem e da horticultura dialogam com as ciências acadêmicas, sobre a aplicação de princípios da botânica e da agronomia e de tecnologia agrícola, expressa na utilização de equipamentos modernos e que permitem ganhos ao se dispender menos tempo e energia. Ana Duarte enfatiza bastante o fato de esses horticultores terem participado de uma vasta rede internacional de compartilhamento de conhecimento; 2) história ambiental, pois aborda a produção e a conservação de um espaço de natureza na paisagem urbana em sua relação com

os agentes históricos, a incluir aí grupos sociais que nunca participaram desses benefícios. Em outras palavras, são áreas verdes que levam o belo e agradável (sombra, frescor, humidade...) a um conjunto de pessoas que nunca antes na história desse país puderam usufruir dessas benesses da natureza; 3) trata também de questões de estética e história da arte, numa discussão em que apresenta ao leitor a historicidade do belo, pois o que é belo para uma classe social não é necessariamente para outra, ou sobre aquilo que é bonito para um país não é adequado para outro e a importação de modelos implica adaptações às condições e ao gosto local, cujo caso mais notório diz respeito às dificuldades de implantação manutenção de um gramado em estilo inglês em Portugal devido às diferenças climáticas e à predileção pelas topiarias que, embora fosse uma prática de jardinagem do barroco, ainda encontrava adeptos no século XIX. Mostra também como novos gostos vão sendo formados pelas publicações, exposições de flores e práticas de ajardinamento; 4) também aborda questões educacionais, pois os jardins também tinham a função pedagógica de proporcionar educação científica em botânica e áreas afins, inclusive saberes agrônômicos, a cidadãos que não teriam acesso elas e também dialogavam com a educação formal, pois a existência de um Jardim da Infância construído sob influência do alemão Fröbel no Jardim da Estrela envolvia diretamente os educadores e as crianças em contato com o meio ambiente, e que a concepção pedagógica desse autor traz consigo uma metáfora da natureza: a criança é entendida como uma plantinha que precisa ser cuidada para crescer forte e sadia; 5) também as questões relativas à saúde estão presentes, pois esses jardins eram construídos segundo as normas da higiene médica visando à criação de um ambiente saudável para o cidadão.

No primeiro capítulo, extenso e ao mesmo tempo denso, a autora coloca a arte, dos jardins e a ciência da horticultura no contexto do século XIX e dos projetos urbanísticos da cidade de Lisboa, que criam um cinturão verde nos arredores da cidade, perceptível ainda hoje, apesar da especulação imobiliária. Arborizam-se ruas e avenidas, criando-se alamedas; as praças são ajardinadas, o Jardim Botânico torna-se aberto a visitas e o exemplo lisboeta vira uma febre e se espalha pelo país. Concomitantemente e se retroalimentando o gosto pelos jardins se espalha: flores são exibidas em feiras e exposições, publicações são destinadas a um grupo de não especialistas, equipamentos são introduzidos e disponibilizados no mercado, propriedades não tão suntuosas passam a ter estufas, a frequência aos jardins e às exposições aumenta gradativamente, enfim, novos gostos e novas práticas estão a se formar.

O segundo capítulo é sobre o emblemático jardineiro prático José Marques Loureiro, que fundou o Horto Loureiro, um espaço de “investigação, divulgação e partilha de conhecimentos científicos” (p.80), localizado na Quinta das Virtudes, na cidade do Porto. Esse

horto era “um sofisticado estabelecimento comercial com estufas quentes e estufas frias onde aclimatizava as mais diversas espécies ornamentais, muitas delas introduzidas pela primeira vez em Portugal por essa via, e onde desenvolvia melhoramentos para o cultivo de espécies autóctones” (p. 80). Fundou a partir daí o *Jornal de Agricultura Prática e o Almanaque do Agricultor*. Também realizava visitas de estudos às propriedades agrícolas tanto em Portugal, quanto no estrangeiro, criando uma rede de contatos com especialistas em botânica, horticultura e jardinagem. No Brasil há uma personalidade do quilate e importância histórica de José Marques Loureiro, trata-se de Frederico Guilherme de Albuquerque, que atuou no Rio Grande do Sul, sua terra natal, Rio de Janeiro e São Paulo como botânico autodidata, horticultor fundador, editor e redator da *Revista de Horticultura* (1876 -1879) e era membro da Société Impériale Zoologique d’Acclimatation e de outras sociedades científicas no Brasil. Também podemos citar, mais para o final do século XIX e início do XX, João Dierberger, que começou na capital paulista como jardineiro da Família Prado e depois se tornou um dos maiores floricultores de seu tempo e deixou uma descendência que continua no ramo até hoje, constituindo-se num exemplo raro de constância. Há outros casos em São Paulo e nas províncias imperiais e depois de 1889, nos estados brasileiros, ainda quase que completamente desconhecidos, ou não estudados do ponto de vista da história das ciências.

O terceiro capítulo do livro de Ana Duarte Rodrigues é dedicado ao estudo do agrônomo Francisco Simões Magiorchi, que era o responsável pelos jardins de algumas zonas de Lisboa, e às sociedades e revistas de horticultura. Começa por descrever as sociedades de horticultura, a britânica e as diversas que surgiram nos Estados Unidos da América, seus objetivos, publicações e atividades, todavia argumenta que, num paralelo notável com o que ocorria no Brasil (p.119), sua principal influência é francesa. A Société Nationale d’Horticulture, fundada em Paris em 1827, será o modelo da Real Sociedade Portuguesa de Horticultura, fundada em 1898. A instituição francesa publicava o *Journal de la Société Nationale d’Horticulture de France*, que circulou entre 1884 e 1927. Fora do âmbito da Sociedade nacional de agricultura francesa, circulava também a *Revue Horticule - Journal de Horticulture Pratique*, sendo esta última apontada como sendo a principal influência sobre Frederico Albuquerque e sobre outros horticultores e projetistas de jardins que atuaram no Brasil no final do século XIX. Maiochi pertencia a uma família influente em Portugal e ocupou cargos em diversas instituições públicas e beneficentes e fundou uma escola prática de horticultura.

Os objetivos da Real Sociedade Portuguesa de Horticultura eram claros e ambiciosos: fomentar a agricultura e ramos correlatos; investigar e estudar as necessidades dessa área;

proteger a classe dos horticultores; criar um campo de experiências e aclimação de plantas úteis; formar coleções completas de frutos exóticos; organizar a flora pomológica nacional; promover o gosto pela horticultura através de exposições; formar uma biblioteca, um museu; criar uma escola prática de jardineiros e hortelãos; e paralelamente, uma revista da sociedade.

E algumas de suas realizações foram notáveis, tais como as diversas exposições de flores e frutos, a revista, as articulações entre cientistas e práticos, a difusão dos jardins por amadores, o que levou a um intenso comércio de flores de corte, plantas ornamentais, mudas e sementes. E também de máquinas e ferramentas para jardins.

Em São Paulo, Alberto Löfgren, naturalista o sueco radicado no Brasil, foi incansável ao propor melhorias aos jardins paulistas. Era o responsável pela seção de Botânica da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, onde desenvolveu importantes estudos sobre a Flora Paulista. Foi diretor do Horto Botânico da capital paulista, onde promoveu a aclimação de espécies exóticas, tanto ornamentais como frutíferas; trabalhou pela domesticação de plantas silvestres brasileiras; realizou intercâmbios com instituições congêneres tanto no Brasil, como no exterior, mas não obteve apoio suficiente para criar uma Sociedade Paulista de Horticultura, que deveria atuar em três eixos: pomicultura, a horticultura propriamente dita e a jardinagem. Sua proposta para a criação dessa instituição foi veiculada na *Revista Agrícola* e na imprensa paulista.

As conclusões de Ana Duarte Rodrigues são claras e precisas. Segundo a autora foi criada uma rede que “entrelaçou personalidades, locais, tempos, livros, formou uma malha de canais com espaçamentos regulares, mais ou menos apertada, que se entrecruzaram e se ramificaram e que permitiu o surgimento da horticultura como ciência e a sua popularização em Portugal” (p.167).

Nessa rede, a participação da família real que premiava os produtos de Loureiro Marques nas exposições oficiais, que visitava seu horto, sempre com elogios e, sobretudo, comprava seus produtos e serviços em eventos especiais, foi fundamental. No caso de Magiorchi, sobretudo prestigiava a Real Sociedade de Horticultura e sua publicação, o *Boletim da Real Sociedade Nacional de Horticultura de Portugal*. Também contratava especialistas estrangeiros que “efetivamente os tratavam como pares” (p. 169). Loureiro, Magiorchi, Duarte Oliveira visitavam hortos e outros estabelecimentos hortícolas na Europa e recebiam igual tratamento por parte de horticultores, botânicos e jardineiros. E o *Jornal de Agricultura Prática* contava com a colaboração de vários especialistas estrangeiros.

Horticultura para todos é cativante. Embora escrito nos rigores das normas acadêmicas, é um livro de leitura agradável e fluente, fácil de acompanhar o fio da meada pela

trama bem entrelaçada e amarrada, mas não complicada, na qual a autora tece relações entre sujeitos históricos e áreas de conhecimentos bastante complexas. Além do que, apresenta documentos em anexos e muitas ilustrações e a impressão é de boa qualidade.

O livro está à venda na livraria on-line da Biblioteca Nacional de Portugal, <<http://livrariaonline.bnportugal.pt/>>, ao preço de €16 mais frete (versão impressa) e €5 (e-book).

SOBRE O AUTOR

Mário Roberto Ferraro é doutor em Ensino e História de Ciências da Terra pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); docente da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Ciências Socioeconômicas e Humanas de Anápolis.

Recebido em 09/06/2017

Aceito em 07/07/2017